

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Letícia Gomes Aguiar
Pablo Vinícius Rodrigues de Lima
Rodolfo de Macêdo Brito

**AS CONSEQUÊNCIAS EMOCIONAIS DA ATIVIDADE
LABORAL DOMÉSTICA NAS MULHERES**

RECIFE 2021

Letícia Gomes Aguiar
Pablo Vinícius Rodrigues de Lima
Rodolfo de Macêdo Brito

AS CONSEQUÊNCIAS EMOCIONAIS DA ATIVIDADE LABORAL DOMÉSTICA NAS MULHERES

PROJETO apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Professor Orientador: Carla Lopes

RECIFE 2021

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

A282c Aguiar, Letícia Gomes

As consequências emocionais da atividade laboral doméstica nas
mulheres / Letícia Gomes Aguiar, Pablo Vinícius Rodrigues de Lima,
Rodolfo de Macedo Brito. - Recife: O Autor, 2021.

32 p.

Orientador(a): Carla Lopes de Albuquerque.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2021.

Inclui Referências.

1. Sobrecarga doméstica. 2. Sobrecarga emocional. 3. Trabalho
doméstico. I. Lima, Pablo Vinícius Rodrigues de. II. Brito, Rodolfo de
Macedo. III. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 159.9

Dedicamos esse trabalho a nossos pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao grupo pelo trabalho construído em conjunto com muita dedicação e responsabilidade.

À minha orientadora pelos momentos de aprendizado e disposição.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 REFERENCIALTEÓRICO.....	10
2.1 DESCREVER A HISTÓRIA DA ATIVIDADE LABORAL DOMÉSTICA..	10
2.2 A INSERÇÃO DA MULHER NA ATIVIDADE LABORAL DOMÉSTICA.	11
2.3 AS CONSEQUENCIAS DA ATIVIDADE LABORAL DOMÉSTICA NAS MULHERES	12
3 DELINEAMENTO.....	13
4 RESULTADOS	14
5 DISCUSSÕES	16
5.1 PÓS ABOLIÇÃO, ESTATISTICA E DIREITOS TRABALHISTAS	16
5.2 COMPREENSÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO	20
5.3 TRABALHO DOMÉSTICO GÊNERO NA SOCIEDADE ATÉ SOBRECARGA TOTAL	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	
7 REFERÊNCIAS.....	26

A SOBRECARGA EMOCIONAL DO TRABALHO DOMÉSTICO PARA MULHERES

Letícia Gomes Aguiar
Pablo Vinícius Rodrigues de Lima
Rodolfo de Macêdo Brito

Professora: Carla Lopes

Resumo:

Esta pesquisa visa a mulher no serviço doméstico laboral, desde o contexto histórico que envolve a escravidão quando a maioria das escravas eram colocadas para o trabalho doméstico, abordando também o passar das décadas que vai surgindo o movimento das mulheres que ganhou força e começou o questionamento por essas mulheres exauridas as quais são omitidos o cuidado consigo mesmo, o que já vem acumulado de gerações e causando uma sobrecarga física e emocional onde na atualidade vem se agravando com a Pandemia do Covid 19, fazendo com que essas mulheres enfrentem mais barreiras devido ao excesso nos cuidados domésticos que evita contaminação. Assim, foi realizado pesquisas em fontes seguras, sendo elas: scielo e google acadêmico, que nos auxiliará a chegar em nossos resultados esse estudo se propôs a apresentar as dificuldade emocionais que essa classe de trabalhadoras enfrenta e ainda dar visibilidade bibliográfico a essa temática, pois percebe-se que ainda falta material bibliográfico sobre esse conteúdo que é importante ser para a evolução da sociedade.

Palavras-chave: sobrecarga doméstica, sobrecarga emocional e trabalho doméstico.

1 INTRODUÇÃO

A sobrecarga se encontra bastante presente dentro das casas, bem como a falta de rede de apoio nas atribuições do dia a dia uma vez que as famílias de média e baixa renda têm a necessidade de ter tanto o homem quanto a mulher no mercado de trabalho para aumentar a renda familiar, que mesmo assim, em vários casos não é suficiente (BAYLÃO, A.L.S.; SCHETTINO M.O, 2014, pág. 2)

Nos últimos cinquenta anos o contínuo crescimento da participação feminina é explicado por uma combinação de fatores econômicos e

culturais. Primeiro, o avanço da industrialização transformou a estrutura produtiva, a continuidade do processo de urbanização e a queda das taxas e fecundidade, proporcionando um aumento das possibilidades das mulheres encontrarem postos de trabalho na sociedade (BAYLÃO, A.L.S.; SCHETTINO M.O, 2014 apud TEXEIRA, 2005).

Quando falamos de trabalho, não necessariamente o doméstico, falamos da divisão sexual do trabalho que por sua vez traz sua duplicidade entre discutir a visão do trabalho masculino e feminino e a sua relação com o poder e saber entre os sexos (HIRATA, 2010).

Foi relatado que as mulheres que tem alta sobrecarga doméstica (excesso de serviço sobre os colaboradores, longas jornadas e grandes demandas para serem executadas em um curto período entre outras circunstâncias que afetam nossa condição biopsicológica) e que recebiam até um salário mínimo apresentam maior prevalência de Transtornos Mentais Comuns quando comparadas as demais que recebiam mais do que um salário mínimo; As mulheres de baixa renda acabam por ter mais preocupações envolvendo problemas financeiros do que as demais mulheres que possuem maior renda per capita, levando essas de baixa renda a ter maior chance de desenvolver ansiedade e depressão; A falta de dinheiro pode levar ao estresse e à inseguranças. (PINHO e ARAÚJO 2012)

Nota-se o aumento dos transtornos mentais entre as mulheres, é importante salientar o dimensionamento e a compreensão sobre os fatores associados ao gatilho desses transtornos relacionado a sobrecarga no trabalho doméstico. Muitas mulheres vêm tendo sintomas frequentes de angústia psicológica e desordem depressivas enquanto os homens seguem no sentido oposto; tendo em vista que os transtornos mais freqüentes entre as mulheres sobrecarregadas com serviços domésticos são relacionados a alguns sintomas comuns, sendo eles ansiedade, insônia, humor depressivo, anorexia nervosa, sintomas psicofisiológicos. (PINHO e ARAÚJO 2012)

Nos homens, a situação é diferente e a maioria possuem maiores taxas nos distúrbios de conduta, entre eles tem o comportamento antissocial, abuso de álcool e uso de drogas. A Inserção da mulher no mercado produtivo, diferente do sexo oposto, é limitada pelas responsabilidades domesticas e familiares, fazendo com que as mulheres tenham que adaptar o emprego produtivo a outras funções que são

vista como obrigatório numa forma direta ou indireta na sociedade patriarcal (PINHO e ARAÚJO 2012).

Segundo Tavares (2019), cada vez mais as mulheres têm estado mais a frente no espaço na sociedade e no trabalho. Porém, não tem o mesmo reconhecimento e valor por parte da sociedade capitalista, que considera a mulher um sexo frágil. A mulher por sua parte, quer dar conta de tudo ao mesmo tempo, e com isso se sobrecarrega. A mulher hoje desempenha diversos papéis na sociedade como por exemplo: mãe, filha, esposa, profissional, dona de casa e estudante. Estudos apontam que esse acúmulo de papéis sobrecarrega e afeta a saúde mental (TAVARES, 2019).

Após décadas, onde a mulher alcançou o seu espaço no trabalho produtivo, surge a tripla jornada para essa mulher, onde ela precisa desempenhar três funções essenciais: ser mãe, dona de casa e profissional, tudo isso sem perder a elegância. Pesquisas revelam que a jornada de trabalho que a mulher tem é maior que a do homem, uma vez que o homem encerra sua jornada ao final do expediente de trabalho, e a mulher, após o expediente ainda tem os outros afazeres de casa e como mãe (TAVARES, 2019).

Acerca do assunto, temos abaixo dados do IBGE e PNAD:

Em 2017, as mulheres continuaram a trabalhar 20,9 horas por semana em afazeres domésticos e no cuidado de pessoas, quase o dobro das 10,8 horas dedicadas pelos homens. Entre os 88,2 milhões de mulheres de 14 anos ou mais, 92,6% delas fizeram essas duas atividades no ano passado, uma leve alta frente aos 90,6% de 2016. Já a proporção de homens aumentou de 74,1%, em 2016, para 78,7% dos 80,5 milhões de pessoas do sexo masculino nessa faixa de idade. (PNAD contínua, 2017, s.p.).

No dia 27 de abril é comemorado o dia nacional da empregada Doméstica. Essa classe já teve muita luta para conseguir a legalidade dos seus direitos e essa data marca esse feito. Maria ainda nos explica sobre a data 27 de abril: O dia da empregada Doméstica é uma homenagem a santa padroeira. Diz a história que a Santa Zita trabalhava de empregada doméstica para uma família, desde seus 12 anos de idade na Itália. Ela era humilde e ajudava os mais pobres. Se tornou a padroeira das empregadas domésticas após sua morte. (TOLEDO, 2021)

Assim, o presente estudo se torna relevante por trazer questões atuais que necessitam ser revisitadas. Como se deu início o trabalho? Como é vista a

doméstica atualmente? A sobrecarga laboral da mulher já existia, entretanto, não se havia um olhar para essas mulheres. Diante do nosso contexto de pandemia, essa sobrecarga se tornou mais intensa. Dessa forma, encontramos sobrecarga emocional para mulher no trabalho doméstico. O presente trabalho terá como objetivo a origem do serviço doméstico e compreender as consequências emocionais da atividade laboral doméstica nas mulheres que por sua vez está presente em maioria nesse meio.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A história da atividade laboral doméstica

Ao contrário do que muitos pensam o trabalho doméstico não era exclusividade das ex-escravas, muitos homens ex-escravos exerciam essa função, é importante dizer que naquele tempo trabalho doméstico incluía várias atividades além das atuais. Os cuidados com a casa e os cuidados com os filhos das sinhás era deixado para as escravas. Com o fim da escravidão, sem expectativas e precisando sobreviver as ex-escravas viram a necessidade de trabalhar com o que elas tinham experiência, ou seja, o trabalho doméstico, pois as sinhás que nem tinham costumes sequer de amamentar seus filhos obviamente não tinham familiaridade com tais tarefas. (DE PAULA PEREIRA, 2011)

Vemos assim um contexto de divisão sexual nesse meio, essa ideologia cresceu e dominou o mercado de trabalho, mantendo assim as mulheres negras ex-escravas com o cuidado do lar. Fazendo parte no recorrer da vida dessas mulheres negras desde quando eram escravas, com sua liberdade não tinham outro meio a não ser seguir o que já faziam antes e essa era a única ocupação oferecida a essas mulheres. É possível perceber que historicamente houve carência nessa estrutura do trabalho doméstico no Brasil, com essas mulheres simplesmente não tendo opção, encurraladas no que já faziam antes, libertas porém sem preparo algum para viver com sua atual e nova vida de liberdade. Com isso temos como resultado o gênero feminino dominando o trabalho doméstico. (DE PAULA PEREIRA, 2011)

Com tudo isso fica difícil não pensar na questão da negra empregada doméstica que hoje é babá dos filhos de mulher branca, em contrapartida seus filhos ficam em casa ou na rua soltos sem assistência. Não temos escravidão, mas ainda

temos seus resquícios tão presentes no nosso dia a dia. A mulher negra ainda vive os frutos da raiz histórica onde determinam que o lugar dela é na cozinha, cuidando dos filhos da branca e do lar, lembrando muito como era antes, com a escrava cuidando da casa enquanto a Sinhá tinha como função impor ordem e bom funcionamento onde vive. Mostrando que muito ainda precisa ser feito, que temos uma “dívida” para assim termos o devido equilíbrio, onde mulheres estejam onde queiram estar e não por não terem alternativas e em suas vidas. (DE PAULA PEREIRA, 2011)

Mesmo com os diferentes períodos de governos que o Brasil viveu o trabalho doméstico era associado como atividade feminina, invisível e desvalorizado. Tivemos criação de lei como a “Lei da Doméstica”, Emenda constitucional nº. 72/2013 porém mesmo com o auxílio dessas leis é percebido muitas dificuldades em termos de qualidade de vida e relacionamento entra empregada e patrão. Vira e mexe nossas alterações são feitas nos direitos trabalhistas das empregadas e seus resultados só saberemos com o tempo e estudos aprofundados a respeito do assunto. (Silva, Loreto, & Bifano, 2017)

2.2 A inserção da mulher na atividade laboral doméstica

Segundo SOARES (2008) o serviço doméstico quando remunerado é visto como uma profissional que não tem conhecimento acadêmico, quando não remunerado é visto como afazeres da mulher ou da “anfitriã” da casa. De acordo com ÁVILA&FERREIRA (2020), as desigualdades de classe e raça entre as mulheres historicamente, é algo que determina sua inclusão na relação trabalho doméstico/ trabalho assalariado. O trabalho doméstico era responsabilidade das mulheres, não importando as classes.

Porém, sempre houve uma desigualdade social histórica na forma de enfrentar essa relação. Para as mulheres trabalhadoras, no geral, as jornadas de trabalho são extensivas, intensivas e intermitentes entre trabalho remunerado e trabalho doméstico gratuito. O que leva a uma exploração do tempo de trabalho muito mais aguda. Segundo ARANTES (2019). O trabalho doméstico continua sendo a principal porta de entrada das mulheres no mercado de trabalho no Brasil. Esta é uma realidade particular para as mulheres negras e empobrecidas, que seguem como a maioria nessa categoria (ARANTES, 2019, p. 29). De acordo com

Ferreira (1981 p.62) traz a forma de como a sociedade enxerga o trabalho doméstico como “auspícios de relações sociais de produção não capitalista”. Nota-se que as cargas psíquica e fisiológica, por sua vez, não apresentam materialidade externa no corpo humano, porém, tem como conceituá-las com relação ao corpo.

Segundo PINHO & ARAUJO (2012), as cargas Psíquicas possuem o mesmo nível da Fisiológica, por adquirir materialidade pela corporeidade humana, de forma pensada, devido as suas manifestações somáticas e um pouco menos psicodinâmicas; Já nas cargas fisiológicas, possuem uma representação que envolve atividades físicas excessivas como lavar, passar, cozinhar, fazer limpeza, realizar atividades que põe o corpo à variação de temperaturas (contato com água quente e fria, geladeira, forno etc.), as atividades de limpeza em geral de forma excessiva. A condição de gênero perpassa, portanto, as dimensões em todas as falas, formando um dos aspectos mais relevante nessa relação de que esse trabalho se tornou uma atividade naturalizada como "de mulher", que por sua vez, sendo a realidade das trabalhadoras domésticas que sentem a sobrecarga gerada por esse excesso psíquico e fisiológico. (PINHO & ARAUJO, 2012)

Nota-se diversos impactos na precarização laboral das condições na saúde das trabalhadoras domésticas. Sofrimento, adoecimento mental, estresse são efeitos mais identificado nas queixas trazida por essas trabalhadoras. Outros estudos envolvendo queixas dessa categoria mostra que doenças respiratórias como a asma é identificado com maior frequência nesse grupo de trabalhadoras. Outras doenças osteomusculares também são encontradas na categoria de trabalhadoras domesticas, devido ao trabalho repetitivo e da sobrecarga laboral, que são intensificados pela dupla jornada de trabalho, pois essas mulheres também realizam seus serviços domésticos em suas residências. (GALON, CAETANO, et al; 2021)

2.3 As consequências emocionais da atividade laboral doméstica nas mulheres

Segundo Tamanini (2000), nas empregadas domesticas sobrecarregadas, o adoecer, para a maioria, apresenta-se como um advento incapacitador quando é associado ao trabalho, principalmente se for sobre um trabalho sobrecarregado. Nessas situações, gera um efeito traumático na medida em que implica na impossibilidade de sobreviver através desse emprego, pois essas mulheres nessa

situação estão dependentes do salário imediato para conseguir satisfazer suas necessidades fisiológicas, de sobrevivência na sociedade, principalmente quando o custo de vida está mais alto ao decorrer da pandemia do Covid 19. Com esses e outros fatores, essas trabalhadoras domésticas vivem com uma demanda grande física e psicológica, acarretando em adoecimento que leva um afastamento do trabalho, seu único meio de vida e ainda acabam tendo gastos extras com saúde debilitada.

Segundo SAFFIOTI (2000), existe uma maior densidade de empregadas domésticas nas grandes cidades, porém, atualmente, essas cidades vêm sofrendo com as consequências da pandemia do Covid 19, que vem deixando várias pessoas trabalhando em Home Office, gerando um aumento na demanda domésticas das moradias; Para os que possuem condições de ter empregadas domésticas ao dispor nas funções residenciais, nota-se que essas trabalhadoras sentem um excesso na demanda diária; Muitas dessas mulheres relatam que a faxina geral da residência tende a ser mais cansativa e vem sendo repetida com maior frequência de acordo com o aumento na limpeza diária para evitar o contágio com a Covid 19, o que acaba gerando um desgaste físico maior nessas trabalhadora que sentem as consequências causadoras de uma ausência na saúde física, gerando sofrimento psíquico, por querer trabalhar e se manter no emprego, porém sem poder realizar tais funções devido ao desgaste gerado por essa alta demanda doméstica.

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A presente pesquisa é uma revisão bibliográfica sobre a sobrecarga emocional da atividade laboral nas mulheres a partir de uma busca eletrônica de artigos indexados na base de dados Scielo (Scientific Eletronic Library Online). Foram utilizados os seguintes descritores: “Sobrecarga doméstica” “Psicologia” “Trabalho doméstico”. Com o intuito de otimizar a estratégia de busca, será utilizado ainda o operador booleano “AND”. Dessa forma, apresentaram-se as seguintes combinações: sobrecarga emocional and psicologia, trabalho doméstico and psicologia, sobrecarga emocional and trabalho doméstico.

Foram incluídos artigos publicados no banco de dados durante o período de março de 2011 a março de 2021, que tenham o acesso ao artigo completo de forma gratuita, em português. Os artigos pesquisados poderão estar sob a ótica da

psicologia ou de outra área do conhecimento, como exemplo, saúde pública, enfermagem, advocacia, dentre outras; como também, nas diversas abordagens teóricas. Será definido como critério de inclusão: artigos disponíveis de forma gratuita em ambas as bases de dados, que tenham suas publicações até março de 2021; como critério de exclusão: artigos duplicados, artigos fora do período selecionado e artigos que não apresentarem em seu desenvolvimento uma análise sobre a temática pesquisada.

Até o presente momento foram encontradas na base Scielo 30 artigos potencialmente relevantes. Considerando os critérios de inclusão, foram removidas 5 publicações por estar fora do prazo pesquisado. 6 por não abordarem a temática do estudo. Dessa forma, foram excluídos 11, para este projeto foram incluídos 19 artigos para análise.

4 RESULTADOS

Durante a construção do estudo foram encontrados 30 trabalhos referente ao tema central da pesquisa, ao final foram utilizados 19 estudos. A seguir segue a tabela com os autores considerados mais significativos para construção da discussão, ao total utilizamos 10 autores para as discussões.

Autor/Ano	Título	Objetivos	Resultados
Bergman de Paula Pereira, 2011.	De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós-abolição.	Mesmo com o fim da escravidão não houve modificação da estrutura hierárquica, trazendo uma pequena mudança na vida de mulheres que eram escravas e se tornaram empregadas domésticas.	A escravidão acabou mas tem seus vestígios presentes no cotidiano e na vida das mulheres negras. O capitalismo também mostra o mesmo ao analisar as classes dominantes em todo período histórico.
Elaine Cristina Saraiva Bentivoglio & Natalia Santos Freitas, 2014.	A evolução da legislação do trabalho doméstico no Brasil.	Discorrer sobre a evolução dos direitos e deveres dos empregados domésticos no Brasil.	De origem desde a escravidão o trabalho doméstico foi único meio para mulheres ex-escravas.

Francilene Soares de Medeiros Costa, Tiago Barreto de Andrade Costa, 2019.	O trabalho doméstico remunerado e a problemática da (des)proteção social.	Discutir acesso das pessoas ocupadas no trabalho doméstico remunerado no Brasil à proteção social previdenciária.	Podemos concluir que uma das mais emblemáticas expressões da ampla discriminação social sofrida pelas trabalhadoras domésticas brasileiras foi o tardio reconhecimento das pessoas ocupadas nos serviços domésticos enquanto trabalhadores.
Heleieth Lara Bongiovani Saffioti, 1989.	Emprego Doméstico e o Capitalismo.	Compreender a análise da função e da natureza do emprego doméstico no capitalismo.	Saffioti define emprego doméstico como uma atividade não capitalista de trabalho paga com a renda pessoal.
Hildete Pereira de Melo, 1998.	O serviço doméstico remunerado no Brasil: De criadas a trabalhadoras.	Analisar o serviço doméstico remunerado no Brasil.	O serviço doméstico remunerado é a principal ocupação das mulheres brasileiras, apesar da perda de dinamismo dessa atividade na economia.
Maria Betânia Ávila e Verônica Ferreira, 2020.	Trabalho doméstico remunerado: Contradições estruturantes e emergentes nas relações sociais no Brasil.	Compreender o trabalho doméstico remunerado, pela sua importância social e histórica.	Os processos vividos nos diferentes momentos estão perpassados por relações sociais e pessoais de poder.
Marlene Tamanini, 2000.	O processo saúde/doença das empregadas domésticas: gênero, trabalho e sofrimento.	Explicou as especificidades da interação entre gênero, trabalho e saúde a partir da análise da condição das empregadas	As questões relativas a saúde dos trabalhadores têm recebido uma certa atenção particular por parte das ciências sociais nas últimas

		domésticas.	décadas.
Paloma de Sousa Pinho & Tânia Maria de Araújo, 2012.	Associação entre sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres.	Avaliar a associação entre sobrecarga doméstica e a ocorrência de transtornos mentais comuns em mulheres.	Mulheres com alta sobrecarga doméstica apresentaram prevalência de TMC mais elevada do que as mulheres com baixa sobrecarga: 45,6% contra 36,2%.
Thays Monticelli, 2021	Divisão sexual do trabalho, classe e pandemia: novas percepções?	Analisar como as mulheres lidaram com o período de isolamento social, sem suas tradicionais redes de apoio no processo de conciliação entre “casa” e “trabalho”: trabalho doméstico remunerado, creches e escolas, arranjos familiares.	A partir dessa experiência, as instituições educacionais tomam um lugar privilegiado na percepção dessas mulheres, contrapondo com uma visão menos valorativa do trabalho doméstico remunerado.
Tanise Galon, 2021.	Condições laborais e impactos na saúde de trabalhadoras domésticas remuneradas: uma scoping review.	Identificar, a partir da literatura científica, as condições laborais e impactos na saúde das trabalhadoras domésticas.	Torna-se fundamental a criação, ampliação e legitimação de direitos voltados às trabalhadoras domésticas, com vistas à valorização dos direitos humanos e fundamentais no trabalho

5 DISCUSSÕES

5.1 Pós abolição, estatísticas e direitos trabalhistas

A pós-abolição do Brasil teve seu início com grandes marcas de suas divisões consolidadas, tínhamos dois lados, um era o lado da elite ao qual dominavam o

poder socioeconômico e do outro lado tínhamos homens e mulheres recém libertos, outros com liberdade a um tempo maior, sem norte algum de como serem inseridos no mercado de trabalho, sobrando para eles assim trabalhos secundários. Para se ter noção entre o fim do século XIX e início do século XX tínhamos mais de 70% da população ex-escravas inseridas no trabalho doméstico. (Pereira, 2011)

Mesmo com o fim da escravidão, o Estado com sua política estatal de emigração de força de trabalho branca, colocou as pessoas negras em atividades precárias e de baixo prestígio social, o mercado de trabalho assim teve forte aparência com o sistema colonial escravista, apesar do trabalho ser livre. (Pereira, 2011)

O trabalho doméstico era composto por várias funções, lavadeiras, cozinheiras, babás, amas de leite, mucamas entre outros, umas aceitavam o trabalho em troca de casa e comida, outras tinham contrato de trabalho e na maioria desses casos eram propostas prestações de serviços. (Pereira, 2011)

Podemos observar que o trabalho doméstico foi o único caminho na vida de mulheres negras. Então é possível dizer que o trabalho doméstico é composto por uma articulação de opressão secular de gênero, raça e classe. (Pereira, 2011)

É importante destacar a faixa etária nesses tempos, em 1985, tínhamos cerca de 9,33% de crianças dessa ocupação, tivemos uma queda em 1995 para 5,07%. Separando em relação ao sexo, em 1985 crianças mulheres eram 9,39% já os meninos apareciam com um número menor de 8,44%; em 1995 crianças do sexo masculino ficam com 5,55% e as meninas com 5,03%. Agora incluindo os adolescentes na faixa de 15/17 anos tínhamos uma taxa de 11%, idades entre 10/17 tem-se 16% de trabalhadores domésticos. Falando só das mulheres no serviço doméstico remunerado temos uma participação que chega a 26,67%, o que pode indicar que o serviço doméstico é a porta de entrada para o mercado de trabalho urbano. Mulheres na faixa de 18/49 anos, com 65,35% (1985) e 73,76% (1995) os homens na mesma faixa etária 59,21% (1985) e 61,79% (1995). Os homens acima de 50 anos a taxa era superior as mulheres, por provável escolha dos homens nessa idade já que usavam de tal trabalho pra completar a renda, o conhecido "bico". (Melo, 1998)

Tabela 8
Brasil e Macrorregiões: Pessoal Ocupado no Serviço Doméstico Remunerado segundo o Sexo e a Faixa Etária — 1985

(Em %)

Faixas de Idade (anos)	Homem						Mulher					
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil
10 a 14	8,59	7,30	8,02	4,58	19,32	8,44	13,11	10,41	8,29	9,02	14,15	9,39
15 a 17	13,01	12,19	7,82	3,99	13,87	8,79	22,39	21,07	14,65	18,54	22,84	17,28
18 a 24	22,23	30,49	17,16	21,48	22,79	20,44	30,40	33,59	25,79	24,58	29,96	27,47
25 a 29	11,35	9,98	10,68	11,75	7,24	10,41	10,34	9,11	11,35	11,05	8,50	10,64
30 a 39	9,97	12,53	17,00	11,69	9,04	14,99	12,19	11,35	18,40	17,92	13,59	16,50
40 a 49	16,66	8,44	14,16	18,92	10,68	13,37	7,05	8,84	12,13	10,59	6,90	10,74
50 a 59	11,47	9,90	12,65	13,47	7,73	11,85	3,03	3,99	6,98	6,16	3,44	5,92
60 a 64	2,58	4,60	5,00	6,86	3,82	4,97	0,73	0,73	1,36	1,18	0,47	1,13
65/ mais	4,14	4,56	7,50	7,26	5,51	6,75	0,75	0,92	1,07	0,96	0,16	0,94
Total	100,0	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE/PNAD, 1985.

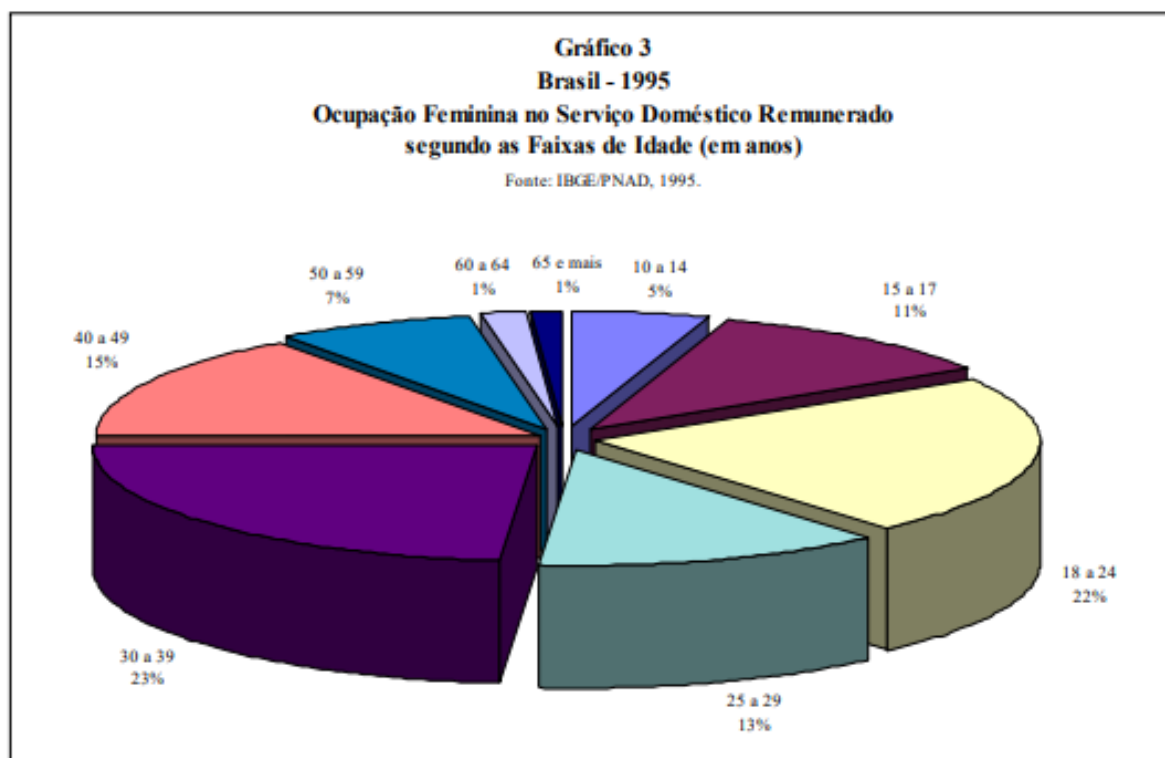


Tabela 9

Brasil e Macrorregiões: Pessoal Ocupado no Serviço Doméstico Remunerado segundo o Sexo e a Faixa Etária — 1995

(Em %)

Faixas de Idade (anos)	Homem						Mulher					
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil
10 a 14	17,17	8,92	3,13	4,31	6,79	5,55	7,67	6,86	3,90	4,24	6,77	5,03
15 a 17	3,55	11,50	7,37	4,59	12,09	8,40	21,15	15,61	8,45	9,57	12,29	11,14
18 a 24	20,85	28,05	11,07	8,80	21,43	16,51	29,93	28,43	19,30	20,19	24,44	22,43
25 a 29	16,20	12,15	11,48	12,23	8,16	11,64	10,53	13,07	12,09	14,77	14,40	12,86
30 a 39	23,44	15,63	22,00	18,45	13,74	19,25	18,14	17,97	25,84	26,00	22,83	23,47
40 a 49	12,63	8,91	16,17	16,89	19,06	14,39	7,61	11,29	17,80	15,11	12,44	15,00
50 a 59	6,15	7,14	12,42	17,43	8,67	11,10	3,32	4,73	9,19	8,13	5,44	7,43
60 a 64	0,00	3,63	6,19	4,08	7,61	5,16	1,03	1,23	1,82	1,32	0,86	1,49
65/ mais	0,00	4,08	10,17	13,23	2,44	7,98	0,62	0,81	1,61	0,68	0,51	1,15
Total	100,0	100,0	100,0	100,00	100,00	100,0	100,0	100,0	100,0	100,00	100,0	100,0

Fonte: IBGE/PNAD, 1995.

Se tratando dos direitos trabalhistas em 1972 entrou em vigor a Lei n.5.859, regulamentando o trabalho doméstico remunerado obrigando assim assinar a carteira de trabalho apesar de ter sido negligenciado no contrato entre empregadas e seus empregadores. Isso causou consequências, com a não contribuição individual ou ausência de contrato formal de emprego, assim não tendo acesso aos

seus direitos. Tivemos assim uma superexploração do trabalho forçado, com a maioria da população não tendo suas necessidades básicas respeitadas com o seu trabalho. (Medeiros, 2019)

Com isso foi necessário criar formas de garantir a proteção social não somente aos trabalhadores formais, mas também aos autônomos, subcontratadas que fazem parte do complexo da informalidade no Brasil, ou seja, atender aos que não tem carteira assinadas afim de garantir sua proteção. (Medeiros, 2019)

Em 31/01/2018 o Brasil ratificou a Convenção e Recomendação n.189 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), para os trabalhadores e trabalhadoras domésticas. Foi definido a obrigatoriedade de assinatura da carteira de trabalho para as domésticas que exerciam a função mais de dois dias na mesma residência, também foi determinado a exclusão das diaristas nessa conquista histórica. Mostrando que a sociedade e o estado ainda fechar os olhos para as diaristas mesmo sendo claramente necessário desenvolver mecanismos que facilite o acesso das trabalhadoras no sistema de proteção previdenciário. (Medeiros, 2019)

5.2 Compreensão do Trabalho Doméstico

Para Ávila e Ferreira (2020), as relações e a forma como o trabalho doméstico no Brasil se divide são basicamente duas: a remunerada e a não remunerada. Essa relação do trabalho doméstico tem uma importância para que possamos entender a formação social e as heranças coloniais que estruturam a relação do contexto atual. No Brasil, o trabalho doméstico é historicamente ligado ao processo de exploração, sendo formada pela elite branca. Para que o trabalho doméstico fosse remunerado houve uma luta de anos e tecida pela história de uma sociedade marcada pela desigualdade, até que se conquistou o salário.

Nas últimas décadas, houve uma diminuição no tamanho das casas, mas contratar uma empregada doméstica permanece como símbolo da elite. No contexto da pandemia do Covid-19 (2021), essa relação de exploração e domínio das empregadas doméstica foi perceptível onde alguns estados que estavam em isolamento social total decretaram o serviço doméstico como essencial, assim colocando em risco a vida das trabalhadoras domésticas. Com isso percebemos as

marcas da escravidão onde as mulheres precisavam servir compulsoriamente ao outro.

As mulheres que trabalhavam até 1972 como empregadas domésticas, não tinham nenhum direito trabalhista. Segundo o sindicato dos empregados domésticos na área metropolitana do Recife (1989):

Foi há mais ou menos trinta anos que começamos a descobrir a importância do nosso trabalho. Desde então, estamos nos organizando. Em 1972, tivemos uma primeira vitória. Depois de muitas discussões, estudos, abaixo-assinados, saiu a Lei n. 5.859, que garantiu três direitos importantes: o direito a ter carteira assinada, férias de vinte dias por ano e pagamento do IAPAS, o que garantiu aposentadoria e assistência médica. (Sindicato dos Empregados Domésticos na Área Metropolitana da Cidade do Recife, 1989, p. 8).

Com base nas informações da Federação Nacional de Trabalhadoras Doméstica, em 2006 comemoraram-se 70 anos da organização da categoria das domésticas, onde o marco inicial foi a primeira associação das empregadas domésticas, criada por Laudelina de Campos Melo, em Santos, São Paulo, em 1936. Outro marco dessa história surgiu em 1988, na constituição, quando foram conquistados alguns direitos.

Em 1987 começa a ser elaborada a nova Constituição, pelos senadores e deputados federais. Começamos então uma luta intensa para garantir uma legislação que reconhecesse nossa profissão e que nos igualasse aos outros trabalhadores. Fomos, neste período, uma das categorias profissionais mais presentes em Brasília... entregamos nas mãos do presidente daquela Assembleia, o deputado Ulysses Guimarães, um documento com nossas reivindicações. Elaboramos também uma “emenda popular” e conseguimos para ela dez mil assinaturas de apoio. Trabalhamos também em favor de outras emendas, como a da reforma agrária e a dos direitos das mulheres. (Sindicato dos Empregados Domésticos na Área Metropolitana da Cidade do Recife, 1989, s/p).

Segundo Danièle Kergoat (2001), o trabalho doméstico é colocado como serviço da mulher, sendo um elemento estruturante da divisão sexual do trabalho. Mas, essa divisão é definida em termos de uma designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva, como também, e simultaneamente, a captação pelos homens das funções com forte valor social agregado (políticos, religiosos, militares etc.) (Kergoat, 2001, p. 89).

Para esta autora, a divisão também é baseada em princípios hierárquicos e de separação. Uma vez que na história o trabalho doméstico é reprodutivo na

sociedade capitalista, (Ávila, Ferreira, 2020 apud Kergoat, 2004). Mas tem diminuído a proliferação desses conceitos, uma vez que atualmente dentro da sociedade capitalista o trabalho doméstico é remunerado e com direitos trabalhistas. Segundo Hirata (2002), o fato de ser um trabalho remunerado elimina a visão de trabalho reprodutivo, e traz a conexão do estabelecimento da relação entre classes. Ávila (2009), fala que as mulheres da classe trabalhadora doméstica estão sujeitas a longas jornadas de trabalho muitas vezes intensivas e intermitentes, gerada pelo trabalho produtivo, e reprodutivo quando estão em suas casas. Segundo Felícia Picanço e Clara Araújo (2020), a sensação de cansaço se correlaciona diretamente com a carga de trabalho doméstico para mulheres, causando problemas físicos e mentais. De acordo com as autoras, 43% das mulheres entrevistadas relatam chegar do trabalho muito cansadas, com isso afetando sua relação dentro de casa com cônjuge, filhos, e atividades domésticas (Monticelli, 2021 apud Picanço e Araújo, 2020).

Para Ávila e Ferreira (2020), o trabalho doméstico remunerado ou não sempre foi visto como obrigação da mulher, independente de classe social. A empregada mesmo trabalhando para todo o grupo familiar, a mulher é denominada a dona da casa, por tradição. As atividades desempenhadas pela empregada doméstica estão dentro da divisão sexual do trabalho, se tem como parte dos trabalhos denominados para mulheres, aqueles que são responsabilidade da mulher, mãe, dona de casa e esposa. Quando as mulheres patroas contratam a empregada, para não realizar as atividades domésticas, normalmente procuram ocupar esse tempo com outras atividades sejam elas assalariadas, estudos, cuidar de si, etc.

Durante a pandemia da Covid-19, houveram empregadas que passaram a residir na casa das patroas, como nos velhos tempos, mesmo que de forma temporária, por exigência patronal com intuito de reduzir o risco de contaminação do vírus. A categoria profissional de trabalhadoras domésticas foi a mais atingida pela pandemia, quando 1,2 milhões de mulheres perderam seus empregos em um ano, estando mais vulneráveis economicamente, uma vez que a informalidade tem índices altos no setor (70%) (IBGE, 2020). De acordo com os dados da Pnad Covid19 (2021), apenas 5,9% das trabalhadoras domésticas remuneradas foram afastadas e remuneradas durante o período de isolamento social (IBGE, 2021).

Além disso, algumas normativas estaduais definiram o trabalho doméstico remunerado como “serviço essencial”, expondo essas mulheres a maior

vulnerabilidade de contágio pelo novo coronavírus (Montecelli, 2021 apud Fenatrad, 2020). Os processos vividos nos diferentes momentos estão perpassados por relações sociais e pessoais de poder (Ávila e Ferreira, 2020). Segundo a pesquisa de Monticelli (2021), com as patroas que demitiram suas empregadas durante a pandemia, houve um desconhecimento da sua própria casa, visto que agora teriam uma nova realidade de limpar, fazer comida, ter um cuidado mais atencioso com os filhos, a percepção de que a casa é grande ou pequena demais, com isso, essas mulheres que antes apenas delegava a função do cuidado da casa, e agora precisa assumir esse papel observa esse serviço como improdutivo, desgastante, que não tinha fim, que interferem diretamente em sua autoestima e âmbito profissional. “Elas eram as donas da casa, mas odiavam o trabalho doméstico” (Monticelli, 2018), e com a imposição do isolamento social, se aproximaram dessa função, já que antes podiam se manter afastadas por causa do trabalho que tinham fora de casa.

5.3 Trabalho Doméstico Gênero na Sociedade até Sobrecarga Total

A partir das nossas leituras fica claro que Heleieth Saffioti trás uma visão importante para nosso tema, realizando obras como o trabalho seminal, A mulher na sociedade de classes: mito e realidade de 1967. Saffioti (2013) já adiantou um argumento interseccional na compreensão do trabalho trazendo bases temas como a utilização social de caracteres raciais, assim como sexuais, que influenciava na economia, tais como uma posição dos indivíduos dentro do sistema produtivo com seus bens e serviços, dando uma notória aparência que inibe a percepção da sua essência. Dentro desse sentido, a determinação de gênero sexual na sociedade, enquanto determinação comum, servirá para determinações essenciais dentro das configurações estruturais histórico-sociais, dando uma importante cobertura onde se escondem alguns mecanismos de operação de cada modo específico na produção dentro da sociedade (MAEDA, 2017).

Com isso, ela mostra que o gênero sexual na sociedade tem grande peso dentro da conservação machista patriarcal de que mulher não deveria trabalhar como domestica ou qualquer outro serviço mostrando um elemento discriminante e visível na sociedade.

Segundo Farias, 1983; Girard, 1996; Kofes, 1982; Saffioti, 1979, em que pese a importância do emprego doméstico como problemática social, só recentemente,

nos anos 1970, por meio dos estudos feministas sobre o trabalho doméstico não mercantil e a divisão sexual do trabalho em que se insere, é que o estudo do emprego doméstico ganhou maior investidura, formando-se, inclusive, os elementos teórico-políticos para a crítica das interpretações patriarcais em que fora abordado até então nas obras dos clássicos da formação social, econômica e política brasileira, exigindo uma reinterpretação desta formação que tome sua centralidade como expressão da imbricação das relações sociais de sexo, raça e classe nesse processo constitutivo. (ÁVILA e FERREIRA, p.6, Recife, 2020.)

Quando a gente vai para Marlene TAMANINI, 2000, ela trás algumas questões ligada diretamente a saúde de varias classes de setores trabalhistas que ganharam uma forte ligação com a ciência nessas ultimas décadas estudadas. Algumas dessas categorias não receberam tanta atenção e acabou ficando um pouco isolada do olhar científico diante da saúde nessa classe trabalhadora, que por sua vez se acha "inferior" e condenada na sociedade. Então, ela destacou que essa categoria esquecida e com uma achar "inferior" socialmente seria a classe das trabalhadoras domesticas “uma categoria de trabalhadoras cuja especificidade em relação as questões de saúde e de doença permanece tão invisível quanto seu próprio trabalho.” (TAMANINI, p. 50, 2000)

Tamanini continua seu estudo, trazendo uma forma de visão que faz notória a “ interação entre gênero, trabalho e saúde a partir da análise da condição das empregadas domésticas. ” (TAMANINI, p. 50, 2000) Ela buscou uma forma de compreensão sobre o significado da saúde e da doença dentro de uma pesquisa que abordam dados qualitativos representando as condições de trabalho da classe domestica. Ao longo de sua pesquisa, ela começou a colher dados pessoais com entrevistas realizadas com algumas trabalhadoras domesticas. Com esses dados trazidos por essas mulheres, ela percebeu que os sentimentos e sintomas mais visíveis e comuns tinham uma forte ligação com a carga e desgastes que o trabalho trazia dentro de uma grande perspectiva de gênero. Diante disso tudo, eu coletei mais um trecho direto da pesquisa trazida por Tamanini onde ela traz mais detalhes fundamentais na nossa leitura que nos trouxe até aqui, com o seguinte trecho: “A busca pelo significado da doença envolve, invariavelmente, vários aspectos de suas vidas. Poderá estar associada ao desgaste, esgotamento ou a idéia mecanicista,

fisiologista, de máquina que não funciona. Outras vezes a doença está associada a sentimentos, ou qualidade do humor. como estigma: se as pessoas se deixam levar pelo estigma, por exemplo: *"uma empregada doméstica que tem vergonha, e não quer dizer aos outros, pode ficar doente."* Ou ainda sob a expressão referida muitas vezes como nervosismo que dá dor de cabeça..." (TAMANINI, p. 57, 2000)

Por assim então, Tamanini afirma que "a condição de gênero não se confunde com divisão sexual do trabalho a ponto de se diluir com ela, e não é uma derivação direta do que se convencionou ser a empregada doméstica a extensão da mulher dona de casa, porque a este trabalho cabe às mulheres por sua condição de natureza." (TAMANINI, p. 65, 2000)

Ela ainda trás uma questão importante onde as empregadas domesticas estigmatiza o fato de está doente e acabam sentindo vergonha com esse adoecer, fazendo essa doença ser um empecilho para a vida social e trabalhista. Trazendo mais falas das empregadas, Tamanini viu que muitas trazem relatos de que o " trabalho só adoce se a atitude em relação a ele for de não aceitação." Trazendo mais um pouco dos resultados colhidos por Tamanini evidenciam que os sentimentos mais comuns vivenciados pelas empregadas domésticas são o cansaço físico e emocional, a insegurança, o ressentimento, a falta de motivação, a culpa, a solidão e a tristeza, agravados pela consciência do preconceito. Do ponto de vista físico e psíquico estes sentimentos (caracterizados por uma das entrevistadas como uma espécie de "dor moral") se traduzem mais frequentemente em reumatismo, escoliose, dores nos joelhos, dores musculares, artrites e alergias associados de modo geral a quadros depressivos, resultado de um conjunto de fatores, tais como o excesso de atividades e sua fragmentação, o ritmo intensivo e extensivo de trabalho, os baixos salários, a falta de oportunidades de ascensão social, o ambiente de tensões e desconfiança, que acabam produzindo um sentimento de desilusão. (TAMANINI, p. 60, 2000)

Diante disso tudo, é notório que a categoria domestica vive varias dificuldades no seu dia a dia e que não recebem atenção suficiente da ciência. Marlene Tamanini se conscientizou disso e nos deu a oportunidade de ler e ter o conhecimento mais

específico dessa categoria e assim colocar aqui nesse trabalho. Visamos que essa categoria merece nossa atenção e que as barreiras do dia a dia estão cada vez mais frequentes com o passar do tempo e com surgimento de pandemia como a do covid 19 que só fez aumentar ainda mais essas questões difíceis na vida dessa classe tão sofrida.

Já Tanise Galon, 2021 é Graduada em enfermagem com Doutorado Direto em Ciências na linha de pesquisa "Saúde do trabalhador", Professora e coordenadora do projeto de extensão "menT-aberta: Encontros Virtuais em Saúde Mental e Trabalho, pesquisadora nas seguintes áreas: Saúde Mental relacionada ao trabalho: Saúde do trabalhador. Ela nos mostrou o "aspecto presente no trabalho doméstico e que gera problemas de saúde trata-se da exposição cotidiana das trabalhadoras a produtos químicos, em especial os materiais e soluções de limpeza, que podem ser prejudiciais à saúde" (MEDINA-RAMON et al., 2006; HANLEY et al., 2010).

Estudo visando identificar e caracterizar as exposições ocupacionais, os sintomas e as tarefas de trabalho entre profissionais da limpeza doméstica e industrial, identificou que, quando comparados com trabalhadores industriais, os trabalhadores domésticos apresentam menos treinamento e capacitação sobre o uso de produtos químicos, menor utilização de equipamentos de proteção individual (EPIs), sintomas respiratórios mais frequentes durante e após a realização das atividades de limpeza, e maior déficit de habilidades para trabalhar com produtos de limpeza. Nesse sentido, a constante exposição e a falta de medidas de proteção têm levado as trabalhadoras domésticas a um maior risco de adoecimento laboral. (Arif, Hughes e Delclos, 2008).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na contribuição de diversos autores, chegamos dentro do contexto histórico trazendo desde os primeiros relatos até os tempos atuais sobre o trabalho laboral das empregadas domésticas. Tendo em vista que a escravidão trouxe relatos das primeiras serviços domésticas. Ao decorrer das leituras, percebemos que com o

fim da escravidão, as ex-escravas que viviam como serviçais continuaram nessa função visto que não tinham expectativas e precisavam sobreviver. Desde então, com o passar das décadas, foram surgindo vários movimentos que trouxeram foco na vivência sofrida por essas trabalhadoras exauridas que já vinham carregando entre gerações os desgastes físicos e psíquicos emocionais trazidos por essa profissão mal valorizada pela sociedade, que não tinha direitos trabalhistas e nem sindicato que lutasse por tais direitos.

Observa-se nesse contexto histórico que as desigualdades de classe e raça entre as mulheres historicamente, trouxe a determinação que o trabalho doméstico era responsabilidade das mulheres. Tais manifestações realizadas no passado após vários anos trouxeram os direitos trabalhistas para essa classe, porém ainda está em fase construtiva tendo alterações que trará resultados futuros que só saberemos com o passar do tempo. Hoje em dia, segundo as leituras realizadas, podemos notar o trabalho doméstico é a principal porta de entrada das mulheres no mercado de trabalho; Uma grande parte da sociedade não enxerga a importância e o valor do serviço doméstico ao longo do tempo e foi possível notar que a conscientização é necessária tanto dos cidadãos quanto da classe trabalhadora para enxergar seus valores.

Diante de uma grande carga do serviço doméstico prestado que tende a esgotar a trabalhadora tanto no sentido físico quanto no psíquico, pode se notar que muitas dessas mulheres possuem comportamentos mecanizados trazidos por anos de profissão e quando enfrenta uma situação que as impedem de trabalhar, elas enfrentam questões monetárias onde se tem a única fonte de renda concentrada muitas vezes nesse trabalho e as consequências psíquicas que traz o adoecimento e a incapacidade de conseguir parar e descansar, pois o peso de anos nesse serviço gera esse comportamento mecanizado rotineiro incondizente com o descanso necessário em casos de saúde.

7 REFERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica. **Trabalho doméstico remunerado: Contradições estruturantes e emergentes nas relações sociais do Brasil.** *Psicologia&Saúde*, Recife, v. 32, n. 0200008, p. 1-13, abril, 2020.

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/hfkrxjk394hGLSK8W8fyCsR/?lang=pt&format=pdf>

Acesso em: 08 set 2021.

BENTIVOGLIO, Elaine Cristina Saraiva; FREITAS, Natalia Santos. **A evolução da legislação do trabalho doméstico no Brasil.** *Revista do Curso de Direito da Faculdade de Humanidades e Direito*, v. 11, n. 11, 2014.

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/download/25761/22560/84020>

Acesso em: 19 fev 2021.

BOTELHO, J. **O trabalho com idosos em Gestalt-terapia, Summus.** Editorial, 2014.

<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/RFD/article/view/5258/4350> Acesso: 15 de mar. 2021

COSTA, Francilene Soares de Medeiros. COSTA, Tiago Barreto de Andrade. **O trabalho doméstico remunerado e a problemática da (des)proteção social.** *O social da Questão. Para.* v.22. n.45. p.103-126. Dez, 2019.

<https://www.redalyc.org/journal/5522/552264344005/html/> Acesso em: 8 set 2021.

DA SILVA, Deide Fátima; DE LORETO, Maria das Dores Saraiva; BIFANO, Amélia Carla Sobrinho. Ensaio da história do trabalho doméstico no Brasil: um trabalho invisível. *Cadernos de direito*, v. 17, n. 32, p. 409-438, 2017.

FERREIRA, Virginia. *Mulheres, Família e Trabalho Doméstico no Capitalismo, Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 6, p. 47-86, 1981.

<http://hdl.handle.net/10316/37216>. Acesso em: 19 fev 2021.

GALON, Tanyse et al. **Condições laborais e impactos na saúde de trabalhadoras domésticas remuneradas: uma scoping review.** *Curitiba: Brazilian Journal of Development*, 2021.

<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/24628/19677>) Acesso em: 25 ago 2021.

DE PAULA PEREIRA, Bergman. **De escravas a empregadas domésticas-A dimensão social e o " lugar" das mulheres negras no pós-abolição.** Anais do Encontro da ANPUH, 2011.

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602_ARQUIVO_ArtigoA NPUH-Bergman.pdf Acesso em: 23 mar 2021.

HIRATA, H. S. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho, **RevistaTecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 6 n. 11, p. 1-11, 2010.

DOI: [10.3895/rts.v6n11.2557](https://doi.org/10.3895/rts.v6n11.2557)

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/2557/1661#>. Acesso em: 19 fev 2021.

MAEDA, Patrícia. Trabalho informal feminino e a “deforma” trabalhista. Coluna Sororidade em Pauta. São Paulo: Justificando, 2017.

<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/06/07/trabalho-informal-feminino-edeforma-trabalhista/> Acesso em: 09 set 2021.

q

MELO, Hildete Pereira. O Serviço Doméstico Remunerado no Brasil: De Criadas a Trabalhadoras. IPEA, Rio de Janeiro, n. 565, p. 1-34, jul,1998.

http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2423/1/td_0565.pdf Acesso em: 08 set 2021.

MONTICELLI, Thays. **Divisão sexual do trabalho, classe e pandemia: novas percepções?** Rio de Janeiro, v. 36 n.1, p. 83-107, mar 2021.

<https://www.scielo.br/j/se/a/phBY7c5NGY3vFjBmDNnnKNJ/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em: 25 ago 2021.

PEREIRA, Bergman de Paula. **De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós-abolição.** São Paulo. p.1-7. 2011.

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602_ARQUIVO_ArtigoA_NPUH-Bergman.pdf Acesso em: 08 set 2021.

PINHO, P. S.; ARAÚJO, T. M. Associação entre sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres. **Rev Bras Epidemiol**, Feira de Santana, v. 15 n. 3, p. 560-572, 2012.

<https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v15n3/10.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. Emprego doméstico e capitalismo. *Avenir*. v.14 p. 13-55. Rio de Janeiro, 1979.

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3852810/mod_resource/content/1/Saffioti%201979%29%20Emprego%20dom%C3%A9stico%20e%20capitalismo-Avenir.pdf

Acesso em: 9 set 2021.

SOARES, C. A distribuição do tempo dedicado aos afazeres domésticos entre homens e mulheres no âmbito da família. **XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP**. Niterói, v. 9, n. 1, p. 9-29, 2008.

DOI: <https://doi.org/10.22409/rg.v9i1.93>.

<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30944/18033>. Acesso em: 22 mar. 2021.

TAMANINI, Marlene. O processo saúde/doença das empregadas domésticas: Gênero, trabalho e sofrimento. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis. p.49-69, 2000. Acesso em: 15 abril 2021.

Acesso em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25761/22560>

TAVARES, J. D.; **O trabalho da mulher e a sobrecarga emocional**. Três Passos, 2019.

<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/6554/Jaqueline%20Duarte%20Tavares.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 03 mai. 2021.

TOLEDO, Prudente. **Dia da Empregada Doméstica: a classe também sentiu a pandemia.** **Jornal Do Oeste.** Disponível em:

<https://www.jornaldooeste.com.br/geral/dia-da-empregada-domestica-a-classe-tambem-sentiu-a-pandemia/>. Acesso em: 05 mai. 2021.